

Editorial



José Humberto Belmino Chaves

Professor Titular de Ginecologia da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas;
Professor Associado de Ginecologia da Universidade Federal de Alagoas;
Presidente da Associação Brasileira de Patologia do Trato genital Inferior e Colposcopia.

A incidência e a mortalidade por câncer de colo uterino no mundo são variáveis de continente para continente e em função do grau de desenvolvimento de cada região. A incidência e a mortalidade nas regiões mais desenvolvidas são respectivamente 9,9/100.000 mulheres e 2,8/100.000 mulheres com uma prevalência aos 5 anos de cerca de 300.000 mulheres.

Nos Estados Unidos, a incidência do câncer cervical tem diminuído devido aos esforços de vacinação e triagem, entretanto continua sendo o quarto câncer mais comum em mulheres em todo o mundo e ainda está longe de ser erradicado, mesmo em países desenvolvidos.

Nas regiões menos desenvolvidas a incidência e a mortalidade atingem respectivamente 15,7/ /100.000 e 10,2/100.000 com uma prevalência aos 5 anos de cerca de 1.300000 mulheres. A África e Ásia do Sudeste apresentam as maiores incidências do câncer do colo uterino.

No Brasil, O câncer do colo do útero ainda é muito comum e mata mulheres em idade jovem. O Instituto Nacional de Câncer (INCA) em semelhança a International Agency for Research on Cancer (Iarc), e a Organização Mundial da Saúde (OMS), organiza a publicação das estimativas de câncer atualmente de caráter trienal, atualizadas recentemente para os anos de 2023, 2024 e 2025. Estima-se a nível nacional para o triênio 2023-2025, a prevalência no interregno dos 3 anos do câncer do colo uterino, seja de 17.010/100 mil mulheres.

Considerando que a infecção pelo HPV de alto risco é um fator obrigatório para o desenvolvimento do câncer do colo do útero, podemos considerar que a inclusão da vacina contra o HPV para mulheres e o alargamento da cobertura vacinal para homens, como uma medida de saúde pública que pode revolucionar as estimativas de incidência da infecção pelo HPV, doença HPV induzida e consequentemente a mortalidade pelo câncer do colo uterino.

Em 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) adotou a estratégia global para acelerar a eliminação do câncer de colo como programa de saúde pública até 2030. Globalmente os países devem se esforçar para levar a incidência para próximo de 4 por 100.000 mulheres/ano no final do século. Para isso a OMS sugere que se alcance a vacinação contra HPV em meninas até 15 anos em até 90%, que o rastreo para câncer de colo atinja 70% da população e que 90% das diagnosticadas com lesões cervicais sejam tratadas.

Com o aumento da cobertura vacinal, teremos uma população já vacinada, na qual a doença grave por HPV vai ser rara, mas ainda teremos muitas mulheres não vacinadas e não adequadamente rastreadas

Nas mulheres que já estavam a ser rastreadas com teste de HPV, o impacto será pequeno: se há alguns anos se defendia que um teste negativo “dava segurança” por 3 anos, hoje não temos dúvidas que podemos alargar este intervalo para 5 anos (e provavelmente até mais!).

Entretanto, ainda existe uma grande preocupação em relação as mulheres não rastreadas ou rastreadas apenas com colpocitologia oncótica, considerando também os falsos negativos da citologia decorrentes da coleta, processamento ou leitura das lâminas.

Por outro lado, nós especialistas da área, não temos dado trégua em busca de passos decisivos na redução da incidência do câncer do colo do útero, vislumbrando a sua erradicação.